

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE DIREITO

# BOLETIM DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS

HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ AVELÃS NUNES

VOLUME LVII Tomo II

2 0 1 4

**Organizadores:**

LUÍS PEDRO CUNHA  
JOSÉ MANUEL QUELHAS  
TERESA ALMEIDA



COIMBRA

Universidade de Coimbra, em 2012, o tema *De Ricardo a Marx, de Marx a Ricardo, nos caminhos da globalização*, onde se falou muito de repartição de rendimento. Aula feita, referências da nossa vida de professor arrumadas num canto qualquer da nossa memória, mas eis que um livro, não um livro qualquer, um livro que se quer assumir à partida como sendo o *Das Kapital* do século XXI, *Le capital au XXI.º siècle*, de Thomas Piketty, nos obrigou a relembrar o que então escrevemos.

Nesse texto de então, nessa última aula, falámos de Ricardo, de Marx e de Sraffa, falámos da importância que desde Ricardo assume a distribuição de rendimento para a Economia, falámos do capital como um direito e não como um activo físico, considerando que a grande alteração no capitalismo a partir dos anos de 1980 foi passar-se da ideia do salário como variável independente, ou seja, um salário socialmente negociado e aceite, e da taxa de lucro como variável dependente para a situação inversa, para a situação de hoje em que esta taxa passou a variável independente e o salário a variável dependente, imposta, residual, ou como diz ANTUNES (2005), na sua tese de doutoramento, a variável salário passou a ser uma variável de ajustamento. E do nosso ponto de vista é aí e com essa mudança que se desenrolam as grandes contradições do sistema capitalista, agudizadas estas quando se passou ao espaço mundial, global, intencional e organizadamente desregulado.

Surge entretanto a obra de Piketty com uma narrativa bem simples: baseia as suas explicações sobre a desigualdade na repartição de rendimento e na acumulação de riqueza assim como a evolução destas durante um período longo num modelo de capacidade explicativa bem reduzida, se é que tem alguma, que é o modelo neoclássico padrão. Neste modelo, a taxa de crescimento da economia é considerada uma variável exógena (dada em crescimento equilibrado ou regular pela soma da taxa de crescimento da população empregada com a

taxa de crescimento da produtividade do trabalho) e com esta, à taxa de poupança dada e constante, determina-se o capital por unidade de produto ou rendimento que assegura o crescimento regular. Obtida a partir destas duas variáveis a relação capital por unidade de produto e considerando que a taxa de rentabilidade do capital por unidade de produto é definida pela produtividade marginal daquele, ou seja, pelas condições técnicas de produção, então obtém-se o lucro por unidade de produto criado. Neste modelo, se a taxa de rentabilidade do capital for maior que a taxa de crescimento da economia, a sociedade capitalista caminha a passos largos para uma situação onde podem ocorrer violentos conflitos sociais devido à dinâmica das desigualdades criadas ao nível do rendimento e da riqueza. Se a taxa de rentabilidade do capital for igual à taxa de crescimento da economia, o sistema entra numa situação de estabilidade quanto àquelas duas variáveis e se a taxa de rentabilidade do capital for menor haverá redução das desigualdades, a situação inversa da primeira. Esta terceira hipótese é para Piketty uma excepção. Com efeito, para este autor, a contradição fundamental do capitalismo, o crescimento das desigualdades, deve-se ao facto de se convergir para situações em que a taxa de rentabilidade do capital é superior à taxa de crescimento da economia. Mecânica pura, é disso que fala Piketty, e não de luta de classes. Mas destas relações falaremos depois de forma extensiva.

É certo que o livro de Piketty é considerado magistral por muitos, talvez o seja pelo que mostra, pelo que induz a pensar, pelo que da realidade torna evidente. É, no entanto, ao mesmo tempo bem modesto como poder explicativo das crises actuais e do que lhes possa suceder. Bem modesto ainda quanto à via proposta para a possibilidade do capitalismo sair das contradições em que se encontra e que o podem levar a uma crise ainda bem maior do que as presentes, pois a proposta de saída das crises em termos políticos emerge do

modelo que as gerou, considerando que as crises se resolveriam por uma maior tributação sobre os rendimentos mais elevados. Não se tocaria no sistema, tal qual está estruturado, abalavam-se apenas as grandes fortunas e de forma marginal. Com isto, impedia-se assim a eclosão de fortes lutas sociais, com tudo o que arrastam, desde que salvaguardados os princípios que geram a criação do excedente e a realização da produção, ou seja, desde que salvaguardado o modelo de acordo com o qual as grandes decisões são tomadas e estas são tomadas *ex-ante* à redistribuição de rendimento e mesmo *ex-ante* à formação do próprio rendimento.

Parece paradoxal, mas acreditamos mesmo que a força do recente trabalho de Piketty face ao sistema dominante, neoliberal e neoclássico por definição, reside no facto de as conclusões terríveis a que chega serem deduzidas a partir do próprio modelo neoliberal, ou seja, a sua força política reside, na minha opinião, na sua fraqueza teórica. E é isso que preocupa os neoliberais, o serem criticados a partir do seu próprio modelo.

Querer substituir *O Capital* de Marx por uma outra explicação do capitalismo, em oposição total a Marx e utilizando uma metodologia de análise assente no mesmo modelo que está na base das crises actuais, é uma aventura que considerávamos inimaginável e extraordinariamente ambiciosa, já para não dizer inútil<sup>3</sup>. Assim, se a explicação da dinâmica do

---

<sup>3</sup> Sublinhe-se o que diz PALLEY (2014b) numa resposta a Krugman: “Faz uma enorme diferença no plano político e na política económica se a extrema desigualdade é explicada como consequência das condições técnicas de produção da produtividade marginal ou pelos poderes económico e político que determinam a estrutura de propriedade e a parte do rendimento de capitais no rendimento global. Em segundo lugar, a utilização do conceito da produtividade marginal para explicar a distribuição de rendimento é sujeita a um enorme conjunto de objecções que, colec-

capitalismo é a que é oferecida pelo modelo neoclássico, também a saída da contradição central do capitalismo identificada por Piketty — a actual repartição de rendimento — é a que o mesmo modelo lhe permite, ou seja, uma redistribuição de rendimento, *ex-post* à própria formação dos rendimentos e das desigualdades seguintes.

## 1. A distribuição de rendimento, tema central na Economia

A repartição de rendimento é tema estudado desde os primórdios da Economia como ciência. Encontramo-lo em Ricardo para quem o objecto desta ciência é o estudo das leis desta repartição. Retomando os *Princípios*, tal como o fizemos na nossa última aula (MOTA, 2012), podemos aí ler:

O produto da terra — tudo o que se extrai da sua superfície pela aplicação conjunta do trabalho, equipamento e capital — é dividido pelas três classes da comunidade, quer dizer, o proprietário da terra, o possuidor do capital necessário para o seu cultivo e os trabalhadores que a amanham.

Porém, cada uma destas classes terá, segundo o avanço da civilização, uma participação muito diferente no produto total da terra, participação esta denominada respectivamente renda, lucros e salários; esta situação dependerá principalmente da fertilidade da terra, da acumulação do capital e da densidade da população e da habilidade, inteligência e alfaías aplicadas na agricultura.

O principal problema da Economia Política consiste em determinar as leis que regem esta distribuição (RICARDO, 1970: 25).

---

tivamente, mostram que a teoria dominante [o *mainstream*] tem logicamente grandes falhas e é inaceitável como descrição da realidade”.

A questão aqui levantada é, de forma clara, completamente oposta à perspectiva de Piketty. É o preço dos “factores” de produção a determinar a evolução do preço dos produtos ou, alternativamente, é o preço dos produtos, como resultado da oferta e procura, a determinar depois o preço dos “factores”? Trata-se de duas vias de análise, duas vias a representarem dois mundos antagónicos, a partir da mudança de uma só hipótese, a repartição de rendimento como centro ou como resultado. A propósito disto, vale a pena regressar ao texto da nossa última aula (MOTA, 2012: 7 ss.):

Curiosamente, agora que a pressão dos mercados sobre quem trabalha é enorme, agora que os neoliberais na prática, e com que fúria o fazem, aplicam este ponto de vista, forcem por todos os meios possíveis a redução dos custos com o argumento de que é preciso ganhar competitividade. Não esperam então que seja o mercado a determinar o preço dos “factores”, não, são eles, os políticos, que o determinam para ajustarem os preços dos produtos à concorrência internacional.

Não deixa de ser uma ironia trágica pensar hoje na crise presente e considerar-se que a repartição de rendimento ou os seus disfuncionamentos são o pano de fundo de onde esta mesma emerge. Ricardo, de novo. Também indo um pouco mais longe, mesmo que de modo muito rápido, relembro aqui Michael Spence, prémio Nobel da Economia, num seu trabalho de 2011, sob o tema *Globalização e Desemprego: as desvantagens da integração dos mercados*, onde com alguma ironia amarga se lê:

Confrontados com um resultado económico indesejável, os economistas tendem a assumir que a sua causa é uma deficiência do mercado. As falhas de mercado aparecem através de vários canais, de várias formas, seja através das ineficiências provocadas por lacunas de informação, seja até pelos impactos não avaliáveis das

externalidades, como a degradação do meio ambiente. Mas os efeitos sobre a economia americana resultantes da evolução estrutural da economia global não é uma deficiência do mercado: não é um resultado economicamente ineficaz. (Sobre a economia global, se alguma coisa se pode dizer é que ela tem sido cada vez mais eficiente.) Mas não deixa de ser motivo de grande preocupação os problemas na distribuição de rendimento que se estão a ampliar na economia global, que se estão a criar particularmente nas economias avançadas. Nem toda a gente está a ganhar nestes países, e alguns podem mesmo estar a perder.

Embora todos beneficiem de preços mais baixos nos bens e serviços, as pessoas também se preocupam muito com as possibilidades de estarem empregadas no processo produtivo e com a qualidade do seu trabalho. A diminuição das oportunidades de emprego são imediatamente sentidas, não acontecendo o mesmo quanto ao aumento do rendimento real resultante de preços mais baixos. Por exemplo, de acordo com estudos recentes, um número substancial de americanos acredita que os seus filhos terão menos oportunidades de emprego do que eles tiveram. A lenta recuperação da recente crise económica pode estar a afectar estas percepções, o que significa que estas últimas se podem dissipar com a melhoria da situação económica e quando o crescimento voltar a verificar-se. Mas a evolução estrutural a longo prazo da economia global e da economia americana sugere que as questões da distribuição de rendimento continuarão a levantar-se. Estas têm de ser levadas a sério.

Para além da desigualdade entre cidadãos do mesmo país podemos falar igualmente da desigualdade criada entre países, problema tanto mais grave quanto esta pode levar à divisão da Europa em duas a três zonas ou mesmo à dissolução da

zona euro com o caos que se lhe seguirá. Sobre isto, dissemos também:

Mas não estaremos nós agora a acrescentar uma outra divisão com a Europa que se tem estado a desenhar, com a falta de solidariedade entre os que são ameaçados pelos mercados de capitais e os que ganham com isso, entre os países ricos e os ditos periféricos, os do Sul? À divisão dentro de uma classe não é agora equivalente a divisão entre países do mesmo espaço integrado? Não estaremos nós, os habitantes dos países do Sul, apanhados que estamos a ser pelas políticas de ajustamento estrutural, a pagar as pensões de reforma relativamente elevadas dos idosos das classes média-alta dos países ditos ricos, dos países do Norte europeu? E por duas vias? A primeira, pela via do argumento da qualidade, que faz com que os capitais voem para os países do Norte, e a Alemanha em particular, dispondo-se a comprar títulos públicos alemães, os *Bunds*, a baixíssima taxa de juro? A segunda via através da deflação dos custos das casas ao sol e dos serviços conexos, das casas de repouso de luxo para a terceira idade, em especial também a alemã, como está a acontecer em Espanha? E, em termos mais gerais, não estaremos também a pagar estas mesmas pensões através da redução dos custos imposta pelas políticas deflacionistas para tornar mais baratos os produtos exportados pelos nossos países, os que estão em dificuldades financeiras <sup>4</sup>? Não será a falta de solidariedade a que se referia

---

<sup>4</sup> Já depois do texto apresentado na FEUC, o jornal *Público* noticiava a 25 de Maio [de 2012]: “Berlim mostra-se favorável à criação de zonas económicas especiais nos estados da zona euro abalados pela crise da dívida. A ideia seria atrair investidores estrangeiros com benefícios fiscais e regras menos rígidas, relata uma publicação semanal alemã, que não cita fontes, atribuindo a autoria do plano à administração federal alemã. O plano germânico prevê também que os estados em crise reformem o seu mercado de trabalho com base no modelo laboral alemão, tornando mais flexível a protecção contra os despedimentos ou diminuindo os custos salariais”.



Emmanuel equivalente àquela que todos sentimos agora, com a Europa a desfazer-se política e socialmente? Estas questões, que aqui deixamos, exigem tempo e exigem muitas discussões (MOTA, 2012: 11 s.).

Historicamente, com Ricardo e com Marx, com o Estado Providência dos anos de 1960 igualmente, tinha mais sentido tomar o salário como a variável independente do sistema, assumida como um “acquis” ao longo da história do capitalismo, garantida por contratações colectivas de trabalho ou por outros mecanismos de regulação dos níveis salariais, enquanto a taxa de lucro seria um resíduo resultante das receitas operacionais obtidas.

Esta questão, mais uma, também dominou os debates naquela época. E de que maneira. Hoje, veja-se a cegueira com que os líderes da União Europeia se atiram à variável salário, a qual tem vindo sucessivamente a perder estatuto de variável independente, procurando-se cada vez mais colocar o salário como variável de ajustamento, como variável dependente quer dos resultados de produção previamente definidos, estes geralmente dependentes das condições aleatórias dos mercados, quer muitas das vezes da taxa de rentabilidade financeira também ela definida *a priori*. Por outras palavras, o salário está a perder o elemento moral e histórico da sua determinação, elemento este que ultrapassa o âmbito da empresa e que valida socialmente o salário.

## **2. A crítica à teoria dominante ou um mundo capitalista sem capital**

Uma vez que o modelo neoclássico é fulcral no texto de Piketty e que a repartição de rendimento é central nos modelos de análise económica da nossa preferência, como os modelos neo-ricardianos, mesmo os mais simples, façamos a partir destes

mentos gerados no sector produtivo. Faz a operação equivalente com o capital, colocando como capital tanto o capital da economia real, com o qual se gera o excedente a repartir, como o capital da economia financeira, com o qual se apropriam os lucros gerados na economia real. Por esta via, elimina na sua análise um dos principais centros de contradições do capitalismo moderno, o conflito entre o capital produtivo e o capital financeiro pela apropriação do excedente, cujos efeitos são evidentes na situação económica presente<sup>15</sup>. Hoje ninguém pode ignorar o domínio da City ou de Wall Street sobre a economia real. E a taxa de rentabilidade do capital pouco ou nada tem a ver com a taxa de lucro de Marx. E quer-se assim substituir Marx com Piketty! Nesta matéria, vale bem mais ler um financeiro como GRANTHAM (2012: 7):

Karl Marx focou insistentemente a questão da tendência do capitalismo em se fixar no crescimento económico, de tal forma que levaria o capitalismo a esquecer-se de transmitir uma imagem amigável à sociedade e a forçar clara e brutalmente o seu domínio sobre o trabalho. Ironicamente, de certa maneira, Marx e Engels acalentavam esperanças na globalização e nas empresas multinacionais porque, segundo defendiam, tornariam o capitalismo ainda mais poderoso, a passar dos limites, e, eventualmente, imprudente. Seria, segundo proclamavam, uma maneira de dar aos capitalistas um pouco mais de corda para se enforcarem, ou melhor, para se enforcarem a si próprios na revolução dos trabalhadores. A corda para essa

---

<sup>15</sup> Se dúvidas há sobre este tema, sugerimos a leitura do trabalho de François Morin, bem claro quanto ao forte impacto negativo da norma de rentabilidade exigida pelo capital financeiro ao capital produtivo e da dominância do princípio de criação do valor para o accionista. Veja-se por exemplo a participação de François Morin em MOTA *et al.* (2014).

missão, sugeriam eles com algum humor negro, seria comprada a capitalistas de alta estirpe competitiva, sempre gulosos por um bom negócio. Bem, o tempo vai passando e vai ser difícil ter uma revolução de trabalhadores sem trabalhadores. Não será fácil organizar máquinas-ferramentas robotizadas. No entanto, Marx e Engels têm certamente razão sobre o aspecto de a globalização e as empresas multinacionais reforçarem o poder do capital a expensas do trabalho. Para contrariar a visão apocalíptica de Marx, é preciso um papel moderador dos poderes públicos esclarecidos (mesmo que fossem apenas um pouco esclarecidos seria já encorajador) para moderar esta nova e terrível força destruidora que representa o descontrolo da actual globalização (*globalized Juggernaut*) e isto antes que o capitalismo se torne tão autista que venhamos a ter uma reacção social bem grave.

## Conclusão

Vale a pena discutir o livro de Piketty pelo debate lançado sobre a redistribuição de rendimento. Mas, mais importante do que isto, vale a pena discutir os problemas da distribuição de rendimento, os que se levantam na produção ou mesmo antes dela, os que se levantam na regulação dos diversos mercados, os que se levantam igualmente na regulação das trocas internacionais a que aludimos com a pequena citação de Concialdi. Relembremos a propósito o que diz CRAIG (CRAIG e SCHUMER, 2004) na citação utilizada: “Quando se criou uma economia global e se tem ainda Estados-nação, não há nenhuma maneira de corrigir a redistribuição de rendimento e de riqueza”, relembremos também o que diz PALLEY (2014a) sobre este último tema: “É neste ponto que é de insistir no argumento que é o que os críticos da corrente de pensamento económico dominante têm feito (sem qualquer resultado) há décadas. A grande contribuição do livro do Piketty é que cria uma nova oportunidade nesta direcção”.

Se o não fizermos, se não discutirmos todas estas questões e com intensidade, aproveitando a oportunidade que o livro de Piketty levanta, sem que ele próprio o queira, é então seguro que tudo se manterá na mesma. As Universidades continuarão a produzir e a apresentar o mesmo discurso de até agora, os políticos continuarão a dizer que com estas políticas continuaremos a caminho de um mundo harmonioso e os *media* continuarão a “criar-nos provas” de que esta é a verdade. Se assim for, PALLEY (2014a) terá razão quando diz:

Os economistas académicos da corrente de pensamento económico dominante tentarão contrariar [esta dinâmica] e insistirão na “táctica à Leopardo”. A minha previsão é de que a álgebra do “ $r$  menos  $g$ ” fará o seu caminho curricular, com a taxa do lucro a ser explicada como sendo o produto marginal do capital; os economistas da escola de Chicago irão contrapor que a economia tem mecanismos que limitam uma grande e prolongada diferença entre  $r$  e  $g$ ; e os estudantes de Harvard e do MIT terão oportunidade de pesquisar sobre as falhas de mercado defendendo o oposto. O resultado líquido disto é que a teoria económica se manterá basicamente inalterada e ainda mais difícil de mudar.

Já com este artigo em fase de conclusão, um amigo nosso italiano enviou-nos a sua opinião sobre o livro. Ei-la: “Piketty teoriza «a sua» lei de bronze do capital como alternativa à normal, à marxista, à luta de classes, hoje vencida sem combater as superclasses dos super-ricos. Com menos estatísticas e mais honestidade, o multimilionário Warren Buffet não teve dificuldade em afirmar: «está em curso uma luta de classes e nós somos os vencedores»”.

Peguemos neste pequeno texto e vejamos sintetizando tudo o que tem sido dito ao longo deste artigo sobre a forma como a luta de classes é eliminada na análise de Piketty. A taxa de crescimento do produto  $g$  é a variável central de Piketty

que é considerada exógena e dada simplesmente pela soma da taxa de crescimento da população empregada com a taxa de crescimento da produtividade do trabalho. É vista assim como um dado meramente técnico e esvaziado dos conflitos sociais do capitalismo. A taxa de rentabilidade do capital, por seu lado, é expressa pela produtividade marginal do capital, ou seja, depende também ela apenas das condições técnicas de produção. Em suma, uma vez que Piketty considera a propensão média a poupar constante, o peso dos lucros no rendimento nacional depende, em situação de equilíbrio, exclusivamente de condições técnicas e nada mais. Diremos, em conclusão, tudo em Piketty é determinado mecanicamente e não pela maior ou menor intensidade no conflito de classes expresso pelas palavras de Buffet. Talvez por isso se queira substituir a Marx, riscando da História o motor da própria História.

A História não se elimina com duas relações tautológicas mas também para falar dela não basta apresentar dados estatísticos. O mesmo se passa com o conflito de classes. E não é por acaso assim, e garantidamente a História mostrar-lo-á, e assim será de novo quando as urnas da Democracia falarem bem mais alto do que tem acontecido até agora, mesmo na Alemanha, onde um precariado está em plena formação. Necessariamente, historicamente, assim será.

### **Referências bibliográficas**

- ANTUNES, Margarida (2005): *O Desemprego na Política Económica — Uma reflexão sobre Portugal no Contexto da União Europeia*. Coimbra: Coimbra Editora.
- BORTKIEWICZ, Ladislau (1971): *La teoria economica di Marx*. Turim: Ed. Giulio Einaudi.
- CONCIALDI, Pierre (2014): “Para uma convergência económica e social”. Conferência da Rede de Economistas Progressistas e dos Econo-

- mistas Aterrados *Um outro euro para a reconfiguração económica e social da Europa*, Coimbra, Portugal 12 de Março. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- CRAIG, Roberts; SCHUMER, Charles (2004): *Free trade in the new global economy: a discussion on the state of U.S. trade policy*. Washington: The Brookings Institution.
- FAUX, Jeff (2014): “Thomas Piketty undermines the hallowed tenets of the capitalist catechism — Not only does capitalist growth not reduce inequality; it increases it”. *Nation*, <<http://www.thenation.com/article/179413/thomas-piketty-undermines-hallowed-tenets-capitalist-catechism>> [20 de Abril de 2014].
- GAFFARD, Jean-Luc (2014): “*Le capital au XXI<sup>e</sup> siècle*: un livre défi pour l’analyse”. *Les notes OFCE*. 40/2, 1-17.
- GALBRAITH, James (2014): “Kapital for the Twenty-First Century?”. *Dissent Spring*, <<http://www.dissentmagazine.org/article/kapital-for-the-twenty-first-century>> [4 Maio de 2014].
- GAREGNANI, Pierangelo (1970): “Heterogeneous Capital, the Production Function and the Theory of Distribution”. *The Review of Economic Studies*. 37/3, 407-436.
- GRANTHAM, Jeremy (2012): “Your Grandchildren Have No Value (And Other Deficiencies of Capitalism)”. *GMO Quarterly Letter-Longest Quarterly Letter*, Fevereiro, 1-15.
- KRUGMAN, Paul (2014): “Why We’re in a New Gilded Age”. *The New York Review of Books*, <<http://www.nybooks.com/articles/archives/2014/may/08/thomas-piketty-new-gilded-age>> [10 de Maio de 2014].
- MAKI, Dean; PALUMBO, Michael (2001): “Disentangling the wealth effect: a cohort analysis of household saving in the 1990’s”. *Finance and Economics Discussion Series Working Papers 2001-21*, The Federal Reserve Board.
- MOTA, Júlio (2012): *De Ricardo a Marx, de Marx a Ricardo, nos caminhos da globalização*. Coimbra: Júlio Mota.
- ; LOPES, Luís; ANTUNES, Margarida (2014): *Perspectivas para uma outra zona euro*. Coimbra: Coimbra Editora.
- OIT (2011): *World of Work Report 2011: making markets work for jobs*. Geneva: OIT.
- PALLEY, Thomas (2014a): “The accidental controversialist: deeper reflections on Thomas Piketty’s ‘Capital’”, <<http://www.thomaspalley.com/?p=422>> [23 de Abril de 2014].
- (2014b): “The flimflam defense of mainstream economics”, <<http://www.thomaspalley.com/?p=425>> [29 de Abril de 2014].

- PASINETTI, Luigi (1975): *Lezione di teoria della produzione*. Bologna: Il Mulino.
- PIKETTY, Thomas (2013): *Le capital au XXI<sup>e</sup> siècle*. Paris: Seuil.
- REILLY, Mollie (2013): “Rick Santorum On Middle Class: ‘That’s Marxism Talk,’ ‘There’s No Class In America’”. *The Huffington Post*, <[http://www.huffingtonpost.com/2013/08/12/rick-santorum-middle-class\\_n\\_3745283.html?utm\\_hp\\_ref=tw](http://www.huffingtonpost.com/2013/08/12/rick-santorum-middle-class_n_3745283.html?utm_hp_ref=tw)> [10 de Dezembro de 2013].
- RICARDO, David (1970): *Princípios de Economia Política e de Tributação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SAMUELSON, Paul (1962): “Parable and Realism in Capital Theory: The Surrogate Production Function”. *Review of Economics Studies*. 29/3, 193-206.
- SHENK, Timothy (2014) “Thomas Piketty and Millennial Marxists on the Scourge of Inequality”. *The Nation*, <<http://www.thenation.com/article/179337/thomas-piketty-and-millennial-marxists-scourge-inequality#>> [16 de Abril de 2014].
- SHEVORY, Kristina (2009) “The Course that got away”. *The New York Times*, <<http://www.nytimes.com/2009/01/09/greathomesanddestinations/09golfhomes.html?sq=kristina%20shevory&st=nyt&adxnml=1&scp=1&adxnmlx=1410098864-V1Xt5hNTJ7GcRd7EMEPVbw>> [16 de Abril de 2010].
- SMITH, Adam (1987): *Riqueza das Nações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SRAFFA, Piero (1960): *Production of commodities by means of commodities*. 1<sup>st</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press.

*Resumo:* O livro *Le capital au XXI<sup>e</sup> siècle*, de Thomas Piketty, tornou-se num sucesso editorial. Ganhou foros de uma obra-prima, colocável talvez ao lado de Smith, Ricardo, Marx e outros, dizem-nos. Krugman chega mesmo a dizer que esta obra é uma contribuição notável para a economia como ciência ao integrar a análise do crescimento com a da distribuição de rendimento. Tendo como base o modelo neoclássico padrão, o livro de Piketty conclui que a contradição fundamental do capitalismo, o crescimento das desigualdades, advém do facto de a taxa de rentabilidade do capital ser superior à taxa de crescimento da economia, resultando a repartição de rendimento apenas de factores exclusivamente técnicos e nunca de conflitos sociais. Com este artigo, procuramos mostrar que, do ponto de vista da teoria económica e da política económica, este livro está afinal longe de conseguir explicar o aprofundamento das desigualdades na repartição de rendimento do sistema capitalista, limita-se apenas a

explicar a história de um capitalismo na qual a luta de classes aparece como irrelevante. A partir da aula com que nos despedimos da Universidade em 2012, sob o tema *De Ricardo a Marx, de Marx a Ricardo*, passando por uma apreciação crítica ao modelo neoclássico a partir de modelos neo-ricardianos e tomando como referência os grandes clássicos, também Keynes e Sraffa e sobretudo a maioria dos trabalhos da Escola de Cambridge (Inglaterra), sobre a teoria do capital e do crescimento económico, traçamos um outro ponto de vista que permite obter leituras e resultados substancialmente diferentes. A obra de Piketty pode ser considerada importante, mas nunca pelo que quer explicar, talvez sim pelo que mostra e, seguramente, pelo que obriga a pensar quanto à dinâmica da formação das desigualdades na repartição de rendimento num mundo globalizado e conceptualizado pelo modelo neoliberal, de que Piketty verdadeiramente nunca se distancia.

*Palavras-chave:* Thomas Piketty; capital e distribuição; crescimento económico; paradigma neoclássico, globalização.

*About the text “From Ricardo to Marx, From Marx to Ricardo” and about Piketty’s book on the dynamics of inequality in capitalism: Some reflections*

*Abstract:* Thomas Piketty’s book *Capital in the Twenty-First Century* became a best seller all over the world. It has been elevated to the category of a masterpiece and we are even told that it would probably reach the status of the works of Smith, Ricardo, Marx and others. Krugman goes so far as to say that this work is a remarkable contribution to Economics as a science, considering its integration of growth theory and distribution theory. Based upon the standard neoclassical model, Piketty’s book concludes that the fundamental contradiction of capitalism, increasing inequality, is induced by the fact that returns on capital exceed the economic growth rate, income distribution therefore resulting exclusively from technical factors and never from social conflicts. In this text we intend to show that from the point of view of economic theory and economic policy Piketty’s book didn’t succeed at all in explaining the increasing inequality of income distribution in the capitalist system, since he confines itself to a general history of capitalism where class struggle appears as irrelevant. Starting from our farewell lecture that we gave in 2012 at our University, under the theme *From Ricardo to Marx, From Marx to Ricardo*, followed by a critical analysis of the neoclassic model based on neo-Ricardian models and taking as a reference the great classical works, and also Keynes, Sraffa and, above all, most of British Cam-